



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum40.108.AO09>

## **Análise do discurso sobre sexualidade de jovens em relacionamentos estáveis e não-estáveis**

*Analysis of discourse on young people sexuality in stable and non-stable relationships*

Rafael De Tilio

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)  
<https://orcid.org/0000-0002-4240-9707>  
[rafael.tilio@uftm.edu.br](mailto:rafael.tilio@uftm.edu.br)

Julie Hernandes Cussi Assunção e Silva

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)  
<https://orcid.org/0000-0002-0919-2884>

### **Resumo**

O duplo padrão/moral sexual estabelece normas que definem práticas sexuais aceitas para cada sexo/gênero, havendo maior permissividade sexual para os homens apesar de as transformações nas relações afetivas e sexuais ocorridas nas últimas décadas estabelecerem (não sem conflitos) relações mais igualitárias e flexíveis para as mulheres. O objetivo dessa pesquisa foi compreender os efeitos de sentidos produzidos por homens e mulheres sexualmente ativos sobre sexualidade em relacionamentos estáveis e em relacionamentos não-estáveis. Essa é uma pesquisa qualitativa, exploratória e transversal. Dezesesseis universitários sexualmente ativos com idades entre 18 e 25 anos foram entrevistados, sendo que oito estavam em relacionamentos afetivos e sexuais estáveis e oito estavam em relacionamentos afetivos e sexuais não-estáveis. O *corpus* de entrevistas foi

analisado a partir da análise do discurso de Michel Pêcheux e os principais resultados (agrupados em três regiões de regularidades de sentidos denominados Permissividade sexual masculina, Posições dos gêneros, e Relações contemporâneas) destacaram que mesmo que os participantes relatem a possibilidade de maior aceitação social de modelos/dinâmicas de relacionamentos afetivos e sexuais divergentes dos tradicionais (estáveis e heterossexuais) seus discursos continuam sendo interpelados (portanto, são despercebidos) por elementos semânticos típicos da dominação masculina e do binarismo de gênero, revelando tanto mudanças (polissemias) quanto permanências (paráfrases) em seus discursos e ações. Por fim, é imprescindível a continuidade do debate sobre essas tensões que pode contribuir para a compreensão crítica e combate das opressões.

**Palavras-chave:** *Análise do Discurso; Dupla Moral Sexual; Relações Contemporâneas; Ideologia*

#### Abstract

*The double sexual pattern establishes norms that define accepted sexual practices for each sex/gender with greater sexual permissiveness for men even though there are in the last decades more egalitarian and flexible relationships for women. The objective of this research was to understand the effects of senses produced by sexually active young men and women on sexuality in stable and non-stable relationships. This is a qualitative, exploratory and cross-sectional research. Sixteen sexually active young men and women between 18-25 years-old were interviewed, whereas eight were in stable affective and sexual relationships and whereas eight were in non-stable affective and sexual relationships. The corpus of interviews was analyzed based on Michel Pêcheux's discourse analysis and the main results (grouped into three regularities senses regions named as Male sexual permissiveness, Gender Positions, and Contemporary Relations) highlighted that even if participants reported the possibility of greater social acceptance of models/dynamics of affective and sexual relationships divergent from traditional ones (stable and heterosexual) their discourses continue to be stabilized by (semantically) elements of male domination and gender binarism, revealing both changes (polyssemies) and permanences (paraphrases) in their discourses and actions. Finally, it is essential to continue the debate on these tensions which can contribute to critical understanding and combating of oppressions.*

**Keywords:** *Discourse Analysis; Double Sexual Pattern; Contemporary Relations; Ideology*

#### Resumen

*El doble patrón sexual/moral establece normas que definen las prácticas sexuales aceptadas para cada sexo/género – con una mayor permisividad sexual para los hombres – aunque las transformaciones en las relaciones afectivas y sexuales que se han producido en los últimos decenios han establecido (no sin conflicto) relaciones más igualitarias y flexibles para las mujeres. El objetivo de esta investigación era comprender los efectos de los sentidos producidos por hombres y mujeres sexualmente activos en la sexualidad en relaciones estables y no estables. Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria y transversal. Se entrevistó a dieciséis estudiantes universitarios sexualmente activos de entre 18 y 25 años, ocho estaban en relaciones afectivas y sexuales estables y ocho en relaciones afectivas y sexuales no estables. El corpus de entrevistas fue analizado en base al análisis del discurso de Michel Pêcheux y los principales resultados (agrupados en tres regiones de regularidades de sentidos: Permisividad Sexual Masculina, Posiciones de Género, y Relaciones Contemporáneas) destacan que aunque los participantes informan de la posibilidad de una mayor aceptación social de los modelos/dinámicas de relaciones afectivas y sexuales divergentes de las tradicionales (estables y heterossexuales), sus discursos siguen siendo cuestionados (por lo tanto pasan despercebidos) por elementos semánticos típicos de la dominación masculina y el binarismo de género, revelando tanto cambios (polisemias) como permanencias (paráfrasis) en sus discursos y*

*acciones. Por último, es esencial continuar el debate sobre estas tensiones, que pueden contribuir a la comprensión crítica y a la lucha contra las opresiones.*

*Palabras clave: Análisis del discurso; moral sexual doble; relaciones contemporáneas; ideología*

## **Introdução**

A sexualidade é uma dimensão da vivência individual e social bastante discutida na contemporaneidade devido às constantes transformações sociais, políticas, econômicas e culturais nas relações entre e intragêneros (Giddens, 2011). Foucault (2020) define o dispositivo da sexualidade moderno como o resultado das relações de poder que normatizam e controlam os sujeitos quanto aos seus desejos, emoções e comportamentos a partir da seguinte articulação: dos elementos sexuais biologicamente distintos para homens e mulheres decorreriam aspectos de gênero (elementos psicológicos e sociais), supostos naturais. Essas naturalizações estabelecem rígidas dicotomias, isto é, a dominação masculina sustentada pelas socializações primárias e secundárias (Bourdieu, 2012; Ramos, Carvalho, & Leal, 2004). Em resumo, para Gomes, Balestero e Rosa (2016) essas normas sociais que posicionam os homens como superiores às mulheres são resultado não de elementos naturais, mas de processos sociais.

Neste sentido, Bourdieu (2012) argumenta que a violência simbólica compreendida como a reprodução velada e desapercibida da dominação pelos próprios dominados, no caso, as mulheres, é perpetuada por uma cultura não apenas cúmplice, mas igualmente produtora das desigualdades de poder. Para o autor instituições como o Estado, a escola e a Igreja agem como mantenedores da dominação masculina ao reproduzirem esses processos de naturalização da dominação. Dessa forma, a dominação de gênero molda as maneiras pelas quais as performatividades de gênero(s) são produzidas (Butler, 2013).

Outras maneira de abordar esses temas é alegar que o dispositivo da sexualidade pautado nas – e que reproduz as – radicais diferenças dos sexos e gêneros estabelece e replica o convencionalmente denominado duplo padrão/moral sexual (Giddens, 2011; Marques, 2011), definido como um aglomerado de normas sociais inculcadas via socialização que definem representações e práticas sexuais distintos, porém aceitos como naturais, para cada um dos gêneros numa escala de hierarquização que privilegia as capacidades e habilidades dos homens e/ou as masculinidades tradicionais frente as mulheres e/ou as feminilidades tradicionais.

Nas últimas décadas, porém, algumas transformações questionaram o duplo padrão/moral sexual (Bauman, 2004; Scorsolini-Comin, & Santos, 2010), dentre os quais se destacam: o casamento indissolúvel e estável pautado na virgindade pré-matrimonial feminina – que já não é a única opção para a formação de parcerias; os ideais tradicionais de amor romântico – questionados visando a emancipação e autonomia sexual e afetiva femininas; as conquistas dos movimentos feministas; a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho formal; a maior inserção dos homens nas tarefas domésticas; o aumento do nível de escolaridade feminina; a busca pela individualização nas relações conjugais; a velocidade dos rompimentos das relações afetivas; as alterações nas conjugalidades e na formação de parcerias tradicionais; as alterações nos formatos e dinâmicas familiares.

Todos estes pressionaram e pressionam por mudanças nos esquemas de relacionamentos afetivos e sexuais outrora considerados naturais ou normais relacionados ao duplo padrão/moral sexual. Exemplo disso são as cada vez mais usuais práticas de relações sexuais casuais ou de relações sexuais sem compromisso – aquelas sem vínculo estável entre os parceiros – que, todavia, nem sempre são fortes os suficientes para romper com os tradicionalismos de sexos, gêneros e orientações sexuais (Wahba, & Simão, 2020).

Portanto, haja vista que as sociedades contemporâneas estão em momentos e em movimentos de questionamentos dos formatos e dinâmicas das intimidades, relações de gênero e sexualidades, é importante investigar se e como as alterações das modalidades afetivas e relacionais impactaram as experiências sexuais e o duplo padrão/moral sexual sustentada pela dominação masculina.

### **Objetivos**

O objetivo dessa pesquisa foi compreender os efeitos de sentidos produzidos por homens e mulheres sexualmente ativos sobre sexualidade e gênero em relacionamentos estáveis ou em relacionamentos não-estáveis.

### **Método**

**Tipo de Estudo:** Pesquisa exploratória, qualitativa e de corte transversal.

**Amostra:** Participaram 16 sujeitos jovens universitários com idade entre 18 e 25 anos. Esse público-alvo foi escolhido pois é considerado como importante nas transformações dos arranjos íntimos tradicionais (Simão, 2017). A amostra foi dividida em dois grupos com oito participantes cada: quatro homens e quatro mulheres que não estavam em relacionamentos estáveis há pelo menos um ano e meio e que possuíam vida sexual ativa sem parceiros fixos; e quatro homens e quatro mulheres sexualmente ativos que estavam em relacionamento estável há mais de um ano e meio. A Figura 1 apresenta as principais características dos participantes. Apesar da diversidade de orientações sexuais autodeclaradas pelos participantes em ambos os agrupamentos esse elemento não foi considerado como principal fator de diferenciação para a análise dos dados, mas sim a estabilidade ou não-estabilidade dos relacionamentos afetivos e sexuais.

**Figura 1.** Caracterização dos participantes

<b>Grupo</b>	<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Orientação sexual</b>
Sem relacionamento estável	M1	22	Feminino	Heterossexual
	M2	22	Feminino	Bissexual
	M3	19	Feminino	Heterossexual
	M4	20	Feminino	Homossexual
	H1	24	Masculino	Bissexual
	H2	25	Masculino	Pansexual
	H3	20	Masculino	Bissexual
	H4	21	Masculino	Bissexual
Relacionamento estável	M5	22	Feminino	Heterossexual
	M6	24	Feminino	Heterossexual
	M7	21	Feminino	Heterossexual
	M8	20	Feminino	Bissexual

---

H5	22	Masculino	Heterossexual
H6	21	Masculino	Homossexual
H7	21	Masculino	Heterossexual
H8	22	Masculino	Homossexual

---

**Instrumentos:** Foram utilizados roteiros de entrevistas semiestruturados com 31 questões que abordavam temas como caracterização sociodemográficos (nome, idade, gênero e orientação sexual, *status* de relacionamento, cidade, filhos, escolaridade, profissão e ocupação), expressão e vivência da sexualidade, percepções sobre temas específicos (casamento, filhos, envolvimento emocional) e atitudes afetivas e sexuais atribuídas ao gênero oposto.

**Procedimentos de coleta dos dados:** O recrutamento e contato com os participantes foi realizado por meio da rede social Facebook, no qual o convite de pesquisa foi compartilhado em grupos de universidades de Uberaba. Os critérios de inclusão foram: residir em Uberaba no momento da pesquisa, serem sexualmente ativos, ter idade entre 18 e 25 anos. Como a resposta ao convite teve baixa adesão foi solicitado aos interessados que indicassem possíveis participantes que respondessem aos critérios de inclusão. Aos interessados em participar foram enviadas mensagens privadas pelo aplicativo Facebook combinando datas, horários e lugares para realização das entrevistas. As quatro primeiras entrevistas foram realizadas e audiogravadas presencialmente, mas com a crise sanitária do Covid-19 no ano de 2020 e a necessidade de distanciamento social todas as demais entrevistas foram realizadas e gravadas com apoio do programa Skype – nestas a obtenção do consentimento livre e esclarecido e a autorização de gravação de imagem e som foram obtidas por meio de registro sonoro. As entrevistas ocorreram entre outubro 2019 e abril 2020 e tiveram duração média de 20 minutos.

**Procedimentos de análise dos dados:** O conjunto de entrevistas foi analisado a partir da Análise do Discurso proposta por Pêcheux (2014), ou seja, em duas etapas:

- (1) delimitação e análise das sequências discursivas (SD, trechos das entrevistas) mobilizando os conceitos de Formações Discursivas (FD), Interdiscurso e Esquecimento Número 2
- (2) Processo Discursivo, mobilizando os conceitos de Esquecimento Número 1, Formações Imaginárias (FI<sub>m</sub>) e Formações Ideológicas (FI).

**Referencial Teórico:** A Análise do Discurso (AD) de Michel Pêcheux parte da premissa que a linguagem reflete a realidade social, a ideologia e as relações de poder da sociedade (Pêcheux, 2014). Os discursos, definidos conceitualmente como efeitos de sentidos produzidos pelos interlocutores, são resultados de processos sócio-históricos e ideológicos. Para compreender o funcionamento do discurso Pêcheux (2014) formulou os seguintes conceitos: *interdiscurso*, que é a memória discursiva e o pré-construído, isto é, tudo aquilo que já foi dito por outros interlocutores sobre o objeto/tema em apreço e que constitui a rede de sentidos sobre o que está sendo formulado, *intradiscurso*, o que está sendo dito/formulado em determinadas condições e momentos específicos e que sofre a incidência de dois processos inconscientes denominados de *Esquecimento Número 2* (ilusão do domínio objetivo e assertivo do sentido transmitido, ou seja, o sujeito esquece que haveria outras maneiras de dizer o mesmo e que ele pode ser compreendido de maneiras diferentes pelo interlocutor) e *Esquecimento Número 1* (esquecimento ideológico, ilusão do sujeito ser a origem dos sentidos quando na verdade todos os enunciados retomam sentidos já existentes) (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). Além destes, os efeitos de sentido também dependem das *Formações Imaginárias* (FIIm), que são tentativas de controle dos sentidos, sendo elas a antecipação (os sujeitos antecipam efeitos sentidos de acordo com as expectativas pretendidas junto ao interlocutor), as relações de força (os sentidos são socialmente validados a depender de quem, quando e como são emitidos) e as relações de sentido (todo sentido se relaciona com outros). As FIIm denunciam *Formações Discursivas* (FD), que são espaços de regularidades discursivas as quais os sujeitos se filiam e que são mais ou menos coincidentes com suas posições nas lutas de classe – e de gênero. Por fim, as FD representam na linguagem as *Formações Ideológicas* (FI) de uma sociedade, isto é, as representações/atitudes socialmente valorizadas (e em disputa) determinando o que pode ou não pode ser dito pelos sujeitos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

**Disposições éticas:** Essa pesquisa é parte do projeto Discursividades Contemporâneas Sobre Sexualidade e Gênero (aprovada pelo CEP/UFTM, CAAE 89552318.9.0000.5154 Plataforma Brasil).

## Resultados

Os resultados serão dispostos em duas partes. A primeira discorre sobre as 25 Sequências Discursivas (SD) estabelecidas organizadas em três Formações Discursivas (FD): Permissividade Sexual Masculina, com dez SD; Posições dos gêneros, com dez SD; Relações Contemporâneas, com cinco SD. A segunda parte se debruça sobre o Processo Discursivo.

### Etapa 1 – Sequências Discursivas

A partir desse momento será iniciado o processo analítico no qual as SD serão agrupadas em FD específicas, a começar pela primeira SD:

*SD1 – Nos tempos atuais é meio estranho fazer essa pergunta né, porque para a gente é normal isso. Então eu acho normal, não tem nenhum problema assim. É da natureza do ser humano se relacionar assim (H5)*

A SD1 se refere sobre atitudes dos gêneros feminino e masculino acerca de relações sexuais casuais e/ou no primeiro encontro. As paráfrases utilizadas para se referir sobre o normal (natural, comum) são frequentes nas respostas dos participantes. As relações interdiscursivas permitem considerar que a normalidade se manifeste como naturalidade, quando poderiam ter sido utilizadas outras palavras tais como (práticas) “frequentemente” ou que “acontecem muito”. A utilização da expressão “nos tempos atuais” demonstra pela memória discursiva (interdiscurso) que em outros momentos essas relações poderiam ser diferentes: H1 relatou ser “estranho fazer essa pergunta”, estranhamento atravessado pelo Esquecimento Número 2 porque perguntar sobre esse assunto seria “estranho” porque considerado normal. Esse movimento ocorre em outras entrevistas:

*SD2 – Já acho mais normal, porque acontece mais aqui, né. Não sei se é um conforto nosso, assim, como já está acostumado, né, geralmente são os meninos que chegam, então já acho normal (M5)*

Nessa SD a participante disse que "já acha mais normal" que os homens ("meninos") façam o primeiro contato com as pessoas pelas quais estão interessados do que as mulheres. Essa SD é novamente interpelada por paráfrases de suposta normalidade e, nesse caso, o que demonstra normalidade é que "os meninos chegam", isto é, aproximam e abordam as mulheres, e não o contrário. O termo utilizado para se referir aos homens, "meninos", indica que é esperado que eles precocemente abordem as parceiras. Ao serem questionados se acreditam que algum dos gêneros tem mais liberdade que o outro os participantes responderam, por exemplo:

*SD3 – Eu acho que tem, com certeza os homens têm mais liberdade sexual que as mulheres de falar em público sobre sexo, porque na sociedade o homem vai ser visto como pegador e as mulheres vão ser vistas como putas, então eu acho que as mulheres vão ser reprimidas nessa situação de não poder ser livres pra falar abertamente sobre sexualidade ou fazer.*  
(H5)

Essa SD destaca um duplo padrão/moral sexual segundo o qual as mesmas práticas realizadas pelos homens e pelas mulheres são diferencialmente significadas entre os gêneros, gerando a dicotomia entre "pegador" e "puta". Assim, quando um homem possui contato sexual com diversas parceiras isso é incentivado e apoiado, enquanto que as mulheres que assim fazem são repreendidas (Ramos, Carvalho, & Leal, 2005).

*SD4 – O homem, sem dúvidas. Mesmo que a gente esteja nessa luta de ter mais liberdade sexual, de por exemplo não usar sutiã que é uma coisa que pertence só ao seu corpo a gente ainda se restringe a usar sutiã, a sentar de perna fechada, por não ser mal vista ou pra não ser assediada, e o homem não tem essas preocupações, por aí já começa né... (M1)*

Nesta SD é possível identificar que os efeitos de sentidos contidos na expressão "liberdade sexual" partem de uma perspectiva de sexualidade que não necessariamente é relacionada à palavra sexo (biologia), mas a elementos mais amplos referentes a uma reivindicação sobre o próprio corpo (Foucault, 2020). Nesse sentido, é possível

compreender que o ato de não usar sutiã ou de sentar com as pernas separadas tenta se desvencilhar da lógica patriarcal e do controle imposto pelo duplo padrão/moral sexual. Apesar de a existência desse questionamento ser recorrente entre as participantes é difícil se desvencilhar dessas restrições, pois como disse a participante "o homem não tem essas preocupações". Essas repressões podem ser compreendidas como violências simbólicas mantidas por discursos e ações de dominação masculina (Bourdieu, 2002). A participante M1 relatou:

*SD5 – Ah já... eu já senti [repressão] por exemplo de ter transado na primeira noite, mesmo que eu não goste muito disso, eu não nego. Mas eu já senti um pouco de repressão e até bateu um pouco de arrependimento depois. No carnaval mesmo, eu me diverti bastante, dancei, beijei, me diverti e eu estava muito feliz e muitas pessoas vieram falar que estavam falando mal de mim, que eu agi como uma puta, que eu era puta sabe. Eu falei "mano, mas eu não fiz nada" sabe? O que eu fiz foi dançar, beijar várias pessoas e beber, o que todo mundo faz. Então eu acho que nesse sentido existe diferença de homem e mulher, tipo, todo mundo estava no carnaval poxa, e eu senti julgamentos, não sei por que nem como, mas acontece. (M1)*

A maioria dos participantes relatou achar normal que as mulheres tenham relações sexuais no primeiro encontro, ou que tenham muitos parceiros sexuais, ou que tenham relações sexuais sem compromisso. Mas há uma contradição quando questionados se as mulheres sofrem ou já sofreram repressão, tais como ilustra a SD5, apontando que ainda sofrem repressão por efetivarem práticas que, por outro lado, são aceitas quando realizadas pelos homens.

Uma participante disse que apesar de não gostar de ter relações sexuais no primeiro encontro ela eventualmente as mantém, indicando uma repressão dupla – de fazer algo que nem sempre gosta e de se sentir julgada posteriormente. Ao dizer "eu não nego" pode-se destacar a incidência do Esquecimento Número 2, pois M1 tem a ilusão de que só pode se expressar dessa forma, além de justificar seu argumento como se estivesse algo errado. Neste trecho igualmente é revelada a presença do duplo padrão/moral sexual

quando ela relatou que as pessoas a chamaram de “puta” por causa de comportamentos “que todos fazem”, especialmente os homens. Ao dizer que "não sabe por que, nem como, mas acontece" revela a incidência do Esquecimento Número 1 (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014), pois sua origem está na dicotomia da lógica social das diferenças de gêneros, e não nos sujeitos individualizados.

*SD6 – Se ela se sente à vontade e se não tem nenhum risco pra ela, por que não? Se está se sentindo bem e confortável, não está sendo uma coisa imposta ou forçada e está ok.... Se ela tem vontade e não tá sendo um abuso. (M6)*

Ao ser questionada sobre as mulheres que mantêm relações sexuais no primeiro encontro M6 realizou um enunciado relacionado ao consentimento dessas práticas. Na memória interdiscursiva isso consta como um sinal de que o não-consentimento por parte das mulheres acontece; em outras palavras, muitas vezes elas são forçadas a ter relações sexuais – o que não apareceu nas respostas dos participantes masculinos. O não-consentimento com essas práticas pode ser compreendidos como parte de outros discursos anteriores (interdiscurso) sobre o domínio dos corpos femininos pelos masculinos e que, historicamente, quase sempre foram perpassados por violências físicas (Colling, 2015), por exemplo:

*SD7 – Porque o que a gente quer dizer com liberdade sexual? Por exemplo, se for olhada na ótica de números, homens tem mais liberdade sexual. Mas se a liberdade sexual é interpretada como essa manifestação de descoberta pessoal, eu acho que, ainda assim é delicado, em um sentido de legitimação social, a priori eu pensaria o homem, mas eu acho que mulheres tem mais liberdade. (H1)*

Respostas como a de H1 evocam pelo menos dois significados sobre liberdade sexual: ou como legitimação social conquistada pelos homens ou como descoberta pessoal praticada pelas mulheres. Aqui o conceito Esquecimento Número 2 pode ser mobilizado já que mesmo na ocorrência da manifestação de descoberta pessoal é

necessária a legitimação social nas práticas de liberdade. Ao contrário disso, como relataram outras participantes, a manifestação de descoberta ocorre seguida de repressão.

Ao serem questionados sobre o que pensam acerca de mulheres que abordam parceiros que lhes interessam, M6 respondeu:

*SD8 – Acho legal [risos], mostra atitude também, que não tem que ser submissa, que não é só o homem que tem que chegar, porque isso é uma visão muito machista. (M6)*

Ao dizer "não tem que ser submissa" M6 pretende romper com a suposta característica natural feminina (passividade), mas devido às incidências do Esquecimento Número 2 acabou afirmando que, sem disso se aperceber, ser submissa seria uma característica das mulheres:

*SD9 – Dentro da universidade é uma coisa, fora é outra. Eu acho que dentro da universidade a gente está evoluindo no sentido de tentar buscar estudar sobre essas repressões, sobre a questão da masculinidade e do machismo, e eu acho que com esses conhecimentos eu tenho conseguido trazer alguns debates até dentro da minha casa, sabe. Mas ainda não está totalmente vencido, mesmo dentro da universidade. (M2)*

Essas três últimas SD permitem destacar a demanda por parte das participantes de rompimento com repressões sexuais femininas mediante descoberta e autonomia principalmente dentro das universidades – questionando o duplo padrão/moral sexual e violência simbólica. A participante M2 complementa esse argumento:

*SD10 – Eu vejo que a nossa liberdade enquanto mulher não vai se dar nesse sistema que a gente vive, capitalista, patriarcal, machista, porque mesmo que os homens estejam evoluindo em algum sentido e as mulheres tenham buscado emancipação, não dá pra dizer "hoje eu sou livre", eu acho que enquanto outras mulheres não foram livres, enquanto outros homens não se livrarem de toda a pressão. Porque tem a questão da*

*masculinidade frágil também. Então enquanto outras pessoas não conseguirem ser livres a gente não pode dizer que temos mais liberdade só por estar no âmbito acadêmico, vamos dizer assim. Enquanto a gente viver no sistema capitalista, a gente não vai ser livre. Porque a mídia mostra uma coisa... mas tem pessoas pesquisando, buscando entender a forma com que a sociedade se comporta, por exemplo o seu trabalho, pra entender por que essas coisas acontecem. (M2)*

Ao apontar que não há como dizer que se é livre enquanto outras pessoas não forem livres, M2 demonstrou em seu discurso que a repressão não se restringe a um discurso individual, mas que os sentidos são produzidos a partir de uma lógica atravessada por sentidos anteriores (interdiscurso) (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). Quando a participante disse que "porque a mídia mostra uma coisa... mas tem pessoas pesquisando" pode se supor que interdiscursivamente a mídia mostra coisas que muitas vezes não são condizentes com o que acontece na sociedade e com os estudos/pesquisas. Sendo a mídia um Aparelho Ideológico do Estado (AIE) é de se compreender que ela difundirá representações, valores e práticas que endossam a Ideologia dominante (Althusser, 1998).

O exposto remete à presença do duplo padrão/moral sexual ainda no contexto atual, preconizando via socialização práticas e comportamentos sexuais distintos para os sexos e gêneros, porém com maior permissividade sexual para os homens (Alves, Amâncio, & Alferes, 2008; Marques, 2011). Esse conjunto de SD1 a SD10 parecem devido as suas regularidades estarem afiliadas a uma FD1 que pode ser nomeada de Permissividade Sexual Masculina.

A partir deste ponto serão expostas SD que constituem FD diferente da anterior. Ao serem questionados sobre o que as mulheres almejam atualmente em seus relacionamentos afetivos e sexuais, algumas respostas foram:

*SD11 – Eu acho que é o contrário [dos homens], eu acho que é afetivo [risos]). Eu sempre vejo minhas amigas falando e até sofrendo muito por conta de homem, elas falam muito de sexo também, mas o jeito que elas falam do afeto é diferente do jeito que os homens falam, eu sinto, elas são mais intensas, afeta mais (H5)*

*SD12 – De uma forma geral, as mulheres tendem a buscar prazer, mas um relacionamento mais envolvido com o sentimento, do que os homens. Elas carregam mais essa emoção. (M5)*

Essas duas SD permitem compreender que as participantes, apesar de buscarem em alguns momentos práticas sexuais casuais, falam mais sobre o afeto e demonstram ser mais emotivas. Esses aspectos revelam as incidências do interdiscurso e das relações de sentido na constituição dos discursos dos quais resultam posições que perpetuam as imagens tradicionais dos gêneros – mulheres mais emotivas e temperamentais do que os homens. Argumentos de que haveria um ideal de performatividade da feminilidade (sensibilidade, fragilidade, passividade e emotividade) são interpelados por discursos que situam as mulheres em posições minoradas frente aos homens (Butler, 2013; Leal, 2016). A palavra "carregam" remete semanticamente à carga e ao movimento, indicativo das dificuldades nesta emotividade.

Ainda surgiram respostas que relataram que os homens não dialogam sobre como são afetados pelos relacionamentos afetivos e tendem a racionalizar essas discussões:

*SD13 – Acho que a mulher se descobre mais porque fala mais sobre sua sexualidade com as amigas, por exemplo, fala sobre suas expressões e homem fala apenas de sexo, do ato sexual em si e muito pra se vangloriar, então não dá espaço para trocas e descobertas da sexualidade num aspecto maior. (H1)*

*SD14 – Na maioria das vezes eu me fecho, me retraio, fico com medo e na maioria das vezes colocando obstáculos pra não acontecer. Eu racionalizo um pouco a situação, apesar de sentir afeto às vezes. (H2)*

É possível supor que novamente as participantes se expressam mais que os homens sobre as demonstrações afetivas em seus relacionamentos. Quando o participante na SD13 respondeu que o "o homem fala só, apenas de sexo, do ato sexual em si e muito para se vangloriar", fica evidenciado que falar sobre o ato sexual está desvinculado de

falar sobre os sentimentos suscitados por esses atos. Há, assim, a ilusão de que a única maneira de se expressar sobre os relacionamentos afetivos e sexuais é dessa forma – Esquecimento Número 2 (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) – ou seja, vangloriar-se das relações sexuais é uma maneira de enaltecer os homens e o desprezar as mulheres que tem hábitos similares, perpetuando a lógica da permissividade sexual masculina (Alves, Amâncio, & Alferes, 2008).

Quando questionados sobre o que os homens buscam em seus relacionamentos afetivos e sexuais os participantes responderam:

*SD15 – A maioria busca prazer. Tem muito cara que tipo assim “ai, vou ficar com aquela menina só porque eu quero ela e depois eu vou dispensar ela”. A maioria é desse jeito, a maioria. E acho que é tão ruim isso, se envolver com a pessoa, criar expectativa nela, só para saciar sua vontade e depois acabou. A pessoa não tem a responsabilidade que deveria. (H3)*

*SD16 – Menos preocupados com essa questão emotiva, eu acho. Pra eles é mais uma consequência. Primeiro, a questão sexual, depois, se acontecer de gostar... O objetivo deles é mais se satisfazer. Ao contrário das mulheres. (M5)*

*SD17 – Acho difícil generalizar, mas de maneira geral acho que é uma coisa menos envolvida, mais casual talvez, menos compromissados. (M7)*

Destacam-se nessas SD os deslizamentos de sentidos como "dispensar", remetendo à isenção de uma obrigação, e "saciar sua vontade" ou "se satisfazer", expressões utilizadas para se referir a fome ou comida, metaforizando o sentido de que o prazer e a relações sexuais são necessidades imprescindíveis de serem supridas no caso dos homens (Costa, & Cenci, 2014), "ao contrário das mulheres".

Sob essa perspectiva também apareceram respostas de que as mulheres preferem envolvimento afetivos e sexuais contínuos e práticas sexuais que reafirmem os vínculos entre os parceiros mais do que a satisfação imediata:

SD18 – *Sexo casual, sem compromisso, normalmente eu faço com quem eu sinto uma afinidade, sabe... eu já transei com pessoas que eu conheci no mesmo dia, mas eu sinto que me doeï mesmo quando já tenho uma certa intimidade ou conhecimento da pessoa. (M1)*

SD19 – *Acho ótimo. Eu acho que... não sei, as minhas amigas não fazem [o primeiro contato com possíveis parceiros sexuais], também por uma questão social, mas é uma prática que está sendo mais frequente, e precisa ser mesmo. Acredito que é uma coisa que meio que já vem com a gente, que nasce com isso, de não tomar iniciativa, uma coisa meio medieval se você for parar pra pensar. Nunca vi ninguém fazer, mas eu acho que está mudando. (M7)*

Pela SD19 pode-se supor que relações sexuais casuais mediante iniciativa das mulheres estão se tornando mais frequentes, mesmo que estejam no campo das possibilidades, já que na mesma SD19 a participante M7 também apontou que "nunca vi ninguém fazer" e que "minhas amigas não fazem" – incidências do Esquecimento Número 2. A participante também disse que acredita ser isso resultado de algo (recato? passividade?) próprio das mulheres, indicando pela incidência do interdiscurso que existiriam atitudes naturais para cada um dos gêneros.

SD20 – *Eu tenho vontade de me vestir de noiva, mas não tenho vontade de me casar [risos], coisas esquisitas. (M1)*

Nessa SD20 foi expressa a vontade da participante de se vestir de noiva, mas não de se casar. Todavia, interdiscursivamente em nossa sociedade vestir-se de noiva e casar-se estão articulados, mesmo que os sujeitos recusem essas articulações (Campos, 2017). Porém, isso não significa necessariamente um desejo oculto da participante, mas sim revela modos de funcionamento e de constituições de sentidos formulados coletivamente (Pêcheux, 2014).

As SD anteriores retrataram as posições ocupadas pelos participantes de cada gênero, de forma que as participantes relataram ser mais afetuosas, falaram mais sobre

como são afetadas e buscavam envolvimento afetivos e sexuais contínuos e duradouros, enquanto os participantes homens buscavam mais prazer, racionalizavam seus afetos, não demonstravam e pouco falavam sobre seus sentimentos, além de procurarem por envolvimento afetivos e sexuais momentâneos e fluidos. Esses aspectos estão assentados em valores morais tradicionais imputados de maneira diferencial a cada gênero e que orientam seus envolvimento sexuais e afetivos, indicando suas filiações a uma FD2, que pode ser denominada Posições de Gêneros.

Mesmo que essas posições/sentidos sejam supostas naturais das identidades dos gêneros, todavia, para Butler (2013), elas seriam atos performativos socialmente construídos e pautados na heterossexualidade compulsória e no sistema binário dos gêneros, mantendo-se pelas relações discursivas que delimitam práticas distintas para um e outro gênero. Com a elucidação da FD2 são mostradas doravante SD que apontam para outra FD.

Quanto aos efeitos de sentidos produzidos pelos participantes sobre os relacionamentos afetivos e sexuais considerados mais compromissados e estáveis – tais como o casamento e a família nuclear heterossexual – algumas SD são ilustrativas:

*SD21 – Mas já pensei quando eu era mais novo [em se casar e ter filhos], mas atualmente eu não penso. O que eu penso agora é em concluir aquilo que eu quero: minha formação profissional. (H3)*

*SD22 – Eu acho que antes eu era mais assim de pensar sobre casamento, hoje em dia eu tento focar mais em mim e na minha vida acadêmica. Mas às vezes eu me pego ainda pensando sim. (M6)*

É perceptível pelas incidências do interdiscurso que esses sujeitos foram incentivados a firmar um casamento e constituir família. Isso ocorre porque historicamente o casamento assumiu facetas diferentes: funções de reprodução, funções de regular o sistema econômico e social vigente etc. Mas atualmente a constituição de parcerias estáveis e a reprodução biológica também respondem a outras exigências, tais como a satisfação pessoal e individual – resultados dos movimentos feministas, da

revolução sexual e das tensões entre expectativas de realização pessoal e profissional (Giddens, 2011; Zordan, Falcke, & Wagner, 2009).

Quanto às relações afetivas e sexuais menos compromissadas e mais casuais os participantes relataram:

*SD23 – Ah, eu vou falar uma coisa que eu ouvi, que "as pessoas são para o mundo", que me fez refletir muito, por que as pessoas estão pegando geral. (H2)*

*SD24 – Um senso comum dentro de mim me faz querer dizer que as mulheres procuram coisas mais intensas e compromissadas, mas acho que isso está mudando. As pessoas de maneira geral procuram se envolver menos no sentido afetivo, e deixar os relacionamentos mais casuais. Então acho que pelo que eu percebo tá meio parecido essa questão de homem e mulher querer se envolver com o pé atrás para não se entregarem completamente. (M7)*

As duas SD anteriores convergem, segundo os participantes, para a compreensão de que as pessoas independentemente do gênero estão se relacionando de maneiras mais fluídas e casuais. Há diversas formas de relacionamento causais, tais como o sexo sem compromisso, o "ficar" (havendo intimidade e laços entre os parceiros ao mesmo tempo em que há distanciamento de modelos afetivos duradouros), o poliamor e as relações abertas (Brêtas et al., 2017; Féres-Carneiro, & Ziviani, 2009). Mas na SD23 "as pessoas são para o mundo" há produções de novos sentidos diante dos tradicionalismos que organizam as relações de/entre gêneros, o que é compreensível quando se considera que atualmente as conjugalidades e parcerias vêm se transformando e os relacionamentos não se sustentam somente segundo os ideais do amor romântico (Giddens, 2011).

A participante M7 considerou que o fato de as relações afetivas e sexuais poderem ser mais casuais e com menos "entrega" decorre do fato de as pessoas estarem com o "pé atrás". Essa metáfora foi recorrente dentre os participantes, podendo ser entendida interdiscursivamente como recusa de relacionamentos afetivos duradouros, porém, ainda repletos de dificuldades e de conflitos (Bauman, 2004).

Quando questionados sobre a possibilidade de estarem com uma única pessoa para o resto das suas vidas, uma das participantes respondeu:

*SD25 – Nossa, pesada essa pergunta [risos]. É muito difícil falar isso, porque eu acho que viver pro resto da vida com a mesma pessoa não deve ser fácil. Eu vejo muitos casais que já tiveram um acordo de liberdade dentro do relacionamento. E não é porque você está em um relacionamento sério e ama alguém que você não vai sentir atração por outras pessoas, não vai querer fazer outras coisas sem essa pessoa. Então acho que se eu encontrasse alguém que a gente pudesse superar essas coisas juntos, acho que eu gostaria sim. Mas as vezes eu acho que isso é uma utopia. (M2)*

Tanto essa SD quanto outras demonstraram que atualmente existe uma polissemia de sentidos por parte dos sujeitos e dos casais que possuem relações afetivas ou sexuais consideradas flexíveis pautadas na redução do apego e da posse dos parceiros típicas das relações monogâmicas tradicionais – as mesmas que reproduzem modelos hierarquizados e desiguais de relacionamentos afetivos e sexuais dentre os gêneros (Brêtas et al., 2017; Porto, 2018). Esse conjunto de SD pode ser agrupado como uma FD3 que pode ser denominado de Relações Contemporâneas.

### **Discussão**

Do conjunto de SD puderam ser destacadas três FD: Permissividade Sexual Masculina (FD1), Posições dos gêneros (FD2), e Relações Contemporâneas (FD3). As FD estão sempre em relações de sentido umas com as outras e que podem ser consonantes ou contraditórias (Pêcheux, 2014). A partir disso, é possível supor que a FD3 aponta para divergências frente às FD1 e da FD2, que são consonantes.

As duas primeiras FD elucidaram que para os participantes os gêneros estão baseados em naturalizações de elementos biológicos (sexo) que, por isso, estabelecem o permitido e o proibido para cada um dos gêneros. Em outras palavras: as atitudes (sociais e individuais) dos gêneros seriam decorrências das características sexuais. Por sua vez, a

FD3 revelou efeitos de sentidos diferentes, isto é, para modelos de relacionamentos afetivos e sexuais que rompem com as concepções tradicionais adequadas à Ideologia dominante – dominação masculina e submissão feminina (Bourdieu, 2012).

Apesar desse movimento de ruptura e de produção de novos sentidos – polissemias – elementos de manutenção dos tradicionalismos de gêneros e de sexualidades – paráfrases – coexistem como campos de disputa (De Tilio, 2014; Giddens, 2011; Simão, 2017). Por isso, a vivência dos relacionamentos afetivos e sexuais pode ser contraditória para os sujeitos em geral, e para as mulheres em especial, posto que elas não possuem os mesmos privilégios – portanto, as mesmas oportunidades e validações sociais – que os homens. Nesse caso, ao mesmo tempo em que a sociedade aceita modelos de relacionamentos com formatos e dinâmicas distintas dos tradicionais, as relações de gênero continuam sendo palco da manifestação da dominação masculina (Bourdieu, 2012).

A partir disso, todas as três FD elucidadas participam de uma Formação Ideológica (FI) de caráter binarista, isto é, sustentada nos opostos homem/mulher e masculino/feminino que possuem como base a dominação masculina. Essa FI estabelece e incentiva uma lógica constitutiva das identidades de gênero baseada em aspectos biológicos, cuja normalização ocorre por intermédio de mecanismos de socialização – primária e secundária – que regulam e regularizam as expectativas de atitudes atribuídas para cada um dos gêneros (Butler, 2013).

Os discursos materializam a Ideologia que perpassa as representações e as práticas dos sujeitos situando-os em uma rede de sentidos produzidos historicamente, regulando as possibilidades dos dizeres/sentidos e as atitudes (Pêcheux, 2014). Por isso, os sentidos disponíveis que servem à Ideologia funcionam porque estão inscritos nas estruturas sociais e simbólicas coletivas, e não porque são características individuais de sujeitos particulares.

Nessa rede de funcionamento dos discursos as Formações Imaginárias ocupam posições privilegiadas, pois as respostas dos participantes desta pesquisa são atravessadas pelas imagens que possuem deles mesmos e pelas imagens que possuem dos seus interlocutores (incluindo a da entrevistadora). São essas relações imaginárias que se posicionam discursivamente os sujeitos na realidade, considerando que é a FI que organiza essas posições e relações (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). As imagens, neste

sentido, também podem esclarecer quais são as expectativas/valores dos sujeitos numa sociedade que, no caso desta pesquisa, conforme referido pelos participantes, sejam homens ou sejam mulheres, correlaciona semanticamente as mulheres aos relacionamentos estáveis por serem submissas e emotivas e os homens à racionalidade e à atividade sexual, replicando os tradicionalismos e moralismos de gêneros (Colling, 2015; Muller, & Besing, 2018).

A dominação masculina reflete e mantém o duplo padrão/moral sexual, principalmente porque a permissividade sexual masculina e a repressão sexual feminina são fomentadas constantemente – mas não naturalmente – por essa FI. Em outras palavras: o corpo feminino é compreendido historicamente como atributo/posse privado, controlado e pertencente à maternidade, à domesticidade e ao marido e que, portanto, não pode experimentar a sexualidade fora do ambiente doméstico; em seu turno, as características masculinas são compreendidas como desdobramentos da virilidade biológica tanto no espaço público quanto no privado, representado pela incessante disposição sexual que reforça as desigualdades de gênero e de poder na sociedade contemporânea (Foucault, 2014; França, & Brauner, 2018; Mélo, 2012). Por óbvio, essa hierarquia de gênero estabelecida por essa FI repercute tanto nas vivências femininas como nas masculinas – tais como embotamento afetivo e recusa de aspectos femininos etc. por parte dos homens (Paula, & Rocha, 2019).

Atualmente, desde a revolução sexual na década de 1960 (Giddens, 2011) e também como ilustrado por algumas SD, há um movimento de reivindicação por parte das mulheres pelo controle dos seus corpos, pela sua emancipação e pelo fim da dominação masculina (Butler, 2013; França, & Brauner, 2019). No cenário brasileiro, apenas nas últimas décadas surgiram discussões e (algumas) políticas públicas para fomentar a emancipação feminina e combater a violência e exploração de gênero no Brasil (Paula, & Rocha, 2019; Brasil, 2006), revelando que ainda há um longo caminho a ser percorrido para o desmantelamento das relações de poder promovidas pela ideologia dominante.

## Considerações finais

A naturalização contínua dos tradicionalismos de gênero decorre de manifestações da Ideologia pelos discursos midiáticos, educacionais, familiares e religiosos, não sendo consequência dos corpos biológicos. A sexualidade é um campo de disputa no qual coexistem permanências/manutenções e transformações/mudanças de sentidos e de práticas.

Os principais resultados desse estudo destacaram: a presença e impregnação do duplo padrão/moral sexual internalizados pelos participantes em seus envolvimento afetivo-sexuais; pressões por relações afetivas e sexuais mais flexíveis e horizontais sem, contudo, romper totalmente com os discursos que sustentam a dominação masculina; que os discursos (efeitos de sentidos) produzidos pelos participantes são interpelados, sem que eles percebam, por uma Formação Ideológica que legitima a dominação masculina e que reitera que as diferenças entre os gêneros pautadas em ditames biológicos; que essa FI sustenta concepções sobre gêneros e sexualidades que regularizam quais práticas sexuais e afetivas esses sujeitos podem ou não podem ter, isto é, opressões para as mulheres independentemente de estarem em relacionamentos estáveis já que elas não devem desempenhar práticas sexuais consideradas típicas dos homens.

Entre os limites da pesquisa é possível indicar que outros recortes interseccionais da sexualidade (classe, raça e etnia e identidades de gênero e orientações sexuais não-binárias dentre outras) não foram aprofundados na análise, além de que essa investigação ficou restrita à população universitária. É necessário salientar, portanto, a importância da continuidade das investigações que questionem gêneros, sexualidades e orientações sexuais de caráter tradicionalistas e das quais resultem relações de poder menos desiguais.

## Referências

- Althusser, L. (1998). *Aparelhos Ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal.
- Alves, M. P., Amâncio, L., & Alferes, V. R. (2008). Gênero e representações sociais: duplo-padrão sexual em função da religião e da posição política. *Psicologia*, 22(2), 139-160. Recuperado em 25 novembro 2020 de

- [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492008000200009&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492008000200009&lng=pt&tlng=pt)
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: JZE.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brasil (2006). *Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Brasília. Recuperado em 25 novembro 2020 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)
- Brêtas, J. R. S., Moraes, S. P., Zanatta, L. F., Freitas, M. J. D., Godoi, A. M. L., & Ricardo, L. S. (2017). Relações sem compromisso entre adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 28(1), 31-38. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v28i1.6>
- Butler, J. (2013). *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Campos, M. T. A. (2017). *Família, Gênero e Sexualidade: Uma Análise do Discurso de pais de meninos e meninas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, Brasil. Recuperado em 25 novembro 2020 de <http://bdtd.ufm.edu.br/handle/tede/503>
- Colling, A. M. (2015). A construção histórica do corpo feminino. *Caderno Espaço Feminino*, 28(2), 180-200. Recuperado em 25 novembro 2020 de <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/34170>
- Costa, C. B., & Cenci, C. M. B. (2014). A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. *Pensando Famílias*, 18(1), 19-34. Recuperado em 25 novembro 2020 de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100003&lng=pt&tlng=pt)
- De Tilio, R. (2014). Teorias de Gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. *Gênero (Niterói)*, 14(2): 125-148. <https://doi.org/10.22409/rg.v14i2.626>
- França, K. V., & Brauner, M. C. C. (2018). O corpo feminino sob uma perspectiva foucaultiana: rumo à construção dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres no Brasil. In: *Anais Eletrônicos, VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade* (pp. 1-8).

- Rio Grande, RS: Editora da FURG. Recuperado em 25 novembro 2020 de <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/236.pdf>
- Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos na atualidade. In: Feres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas* (pp. 83-109). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Foucault, M. (2020). *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Giddens, A. (2011). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Gomes, R. N., Balestero, G. S., & Rosa, L. C. F. (2016). Teorias da dominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para uma construção emancipatória. *Libertas*, 2(1), 11-34.
- Leal, T. (2016). “Elas são muito emotivas”: representações de gênero, emoções e trabalho no discurso jornalístico. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 18(2), 170-179. <https://doi.org/10.4013/fem.2016.182.06>
- Marques, N. M. H. M. M. (2011). *O duplo padrão sexual no masculino: uma perspectiva transgeracional portuguesa*. Dissertação de mestrado em sexualidade humana, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Recuperado em 25 novembro 2020 de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5534>
- Méllo, R. P. (2012). Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 197-207. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000100022>
- Muller, C. M., & Besing, M. (2018). A trajetória histórica da mulher no Brasil: da submissão a cidadania. *Revista Augustus*, 23(45), 25-46. <https://doi.org/10.15202/1981896.2018v23n45p25>
- Orlandi, E. P. (2013). *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Paula, R. C. V., & Rocha, F. N. (2019). Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da psicologia positiva. *Revista Mosaico*, 10(suppl.2), 82-88. [10.21727/rm.v10i2Sup.1835](https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1835)
- Pêcheux, M. (2014). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp.

- Porto, D. (2018). Mononormatividade, intimidade e cidadania. *Revista Direito GV*, 14(2), 654-681. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6172201825>
- Ramos, V., Carvalho, C. C., & Leal, I. P. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: a hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*, 23(2), 173-185. Recuperado em 25 novembro 2020 de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312005000200008&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312005000200008&lng=pt&tlng=pt)
- Simão, J. B. (2017). "A gente se vê por aí..." motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 25 novembro 2020 de [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_SP-1\\_4c7419698d5a984015031417d403dcdc/Details](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_4c7419698d5a984015031417d403dcdc/Details)
- Wahba, L. L., & Simão, J. B. (2020). Sexo Casual: Motivações, Atitudes e Comportamentos de Homens e Mulheres Heterossexuais Adultos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e213871. Epub 09 de novembro de 2020. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003213871>
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2): 56-76. Recuperado em 25 novembro 2020 de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682009000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200005&lng=pt&tlng=pt)